
Evangélicos, o Messias e Malafaia: A sacralização do discurso político brasileiro à luz das teorias populistas.¹

Arthur Eduardo Oliveira de OLIVEIRA²
Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

Resumo

Este trabalho pretende analisar as relações entre política, sociabilidade digital e religiosidade, tendo como base a análise discursiva de postagens, no *Instagram*, do Pastor Silas Malafaia de apoio ao ex presidente Jair Bolsonaro. Sob o tema carisma e religiosidade, este trabalho tem como principal objetivo a análise do discurso bolsonarista à luz das teorias do populismo. Assim, propõe-se estabelecer uma relação entre as características do discurso de Bolsonaro e a performance do pastor Silas Malafaia, sendo este, uma espécie de sentinela moral e representante da rede apoio evangélica do ex-presidente.

Palavras-chave

Sociabilidade digital; Evangélicos; Populismo; Bolsonarismo; Malafaia.

Introdução:

Este trabalho analisa as relações entre política, sociabilidade digital e religiosidade, tendo como base a análise discursiva do presidente Jair Bolsonaro e seus efeitos frente ao eleitorado evangélico.

Tendo as teorias do populismo como pano de fundo para esta pesquisa, buscou-se através da mesma compreender o processo de sacralização do discurso político brasileiro, a partir da campanha bolsonarista, e como a figura do pastor Silas Malafaia tornou-se elemento de coesão e ativação neste processo.

Um dos pontos chaves da análise populista mostra-se justamente no fator corrupção. E nesse ponto, ela ganhou espaço dentro do debate político. Dessa forma, voltando os olhos à corrida presidencial brasileira de 2022, entende-se que este episódio revelou extremos políticos que fomentaram o cenário perfeito para a guinada do

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Religiões, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando do curso de Comunicação do PPGCom - UFF, email: aeoo21989@gmail.com

conservadorismo frente à corrupção a qual a esquerda se envolvera, seja nas delações premiadas ou nas prisões cinematográficas da Operação Lava Jato.

Com base na teoria populista, compreende-se que ambientes de crise e de ressentimento político tornam-se favoráveis para o surgimento de lideranças carismáticas, onde as mesmas se colocam como uma espécie de porta-voz do povo contra uma elite corrupta e imoral. Porém, chama a atenção que essa liderança, de acordo com Ferreira e Rezende (2019, p.19), tem a habilidade de se colocar como árbitro entre os setores populares e a elite política.

Salvar a sociedade da corrupção e gerar um povo resistente à elite corrupta são pontos fortes no discurso populista. E neste quesito, é possível perceber as reflexões de Laclau (2013) ao entender que o populismo convida os excluídos do sistema, a se tornarem povo “como uma forma de modificar o imaginário político e suas instituições” (FERREIRA; REZENDE, 2019, p.23).

Bolsonaro, por sua vez, conseguiu performar com louvor o estilo populista em sua forma de governo frente ao eleitorado evangélico. A começar pelo seu segundo nome, Messias, o presidente abusou da propaganda ao propor uma “nova política”, defendendo a família tradicional, a gente de bem, e, principalmente, evocando “Deus” em seu slogan de campanha.

Seja nas motocicletas, frequentando cultos e manifestações evangélicas, Bolsonaro construiu para si uma imagem de salvador, portador da verdade e que está disposto a dar sua vida pela pátria. Essa performance reflete o pensamento de Vinícius Albernaz (2019, p.134) ao caracterizar o estilo populista: “O populista, enquanto estilo político, possui as seguintes características peculiares: atributos carismáticos, oradores amáveis, [...] podem caracterizar-se também como: discurso agressivo, teimoso, arrogante”.

A ideia do novo, muito presente no discurso do presidente, revela uma outra faceta do populismo que evoca o maniqueísmo, corroborando a ideia do novo como algo bom, e o antigo, como algo ruim e arcaico que se alimenta da corrupção presente no país. Assim, Bolsonaro se colocava como um *outsider* do jogo político, ou seja, um antissistêmico, que tem em si a capacidade de tirar a nação das garras da corrupção. Para o bolsonarismo, essa corrupção não seria apenas política, mas principalmente moral, e que por fim, estaria colocando em risco a família tradicional e os chamados cidadãos de bem.

Ao analisar o heterogêneo grupo evangélico, o conceito de messias é potente dentro da igreja, justamente por apontar à figura de Jesus. Além disso, o próprio Cristo se apresentou como o Messias de Deus, aquele que iria redimir e salvar o seu povo. Para os evangélicos, acreditar no messias é sinônimo de ter um libertador das forças do mal, daquilo que pode impedir o fiel de alcançar a “vida eterna” e a redenção.

Entendendo que, na grande maioria dos casos, líderes populistas tem para si guardiães morais, para esta pesquisa, foram analisadas qualitativamente sete postagens feitas no Instagram pelo pastor Silas Malafaia, fiel apoiador do ex-presidente.

“Uma voz em defesa da verdade”. É assim que Malafaia se identifica em seu perfil no Instagram. Com mais de 3 milhões de seguidores e apresentando há mais de 30 anos um programa televisivo, Malafaia é o pastor presidente da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, e, durante os últimos anos tem se colocado como influenciador, se posicionando abertamente à respeito dos últimos governos presidenciais do país.

Chama atenção que na corrida presidencial de 2002 e 2006, Malafaia apoiou o petista Luis Inácio Lula da Silva, porém em 2010 transita para a oposição em apoio ao tucano José Serra. Em 2014, se posiciona ao lado de Aécio Neves, do PSDB.

Nos pleitos de 2018 e 2022, ao propor pautas que demonizava a esquerda, exaltando a defesa da família tradicional contra a “ideologia de gênero”, e a defesa da “escola sem partido”, Bolsonaro e Malafaia firmaram o casamento perfeito na escalada do conservadorismo no país.

Protestantes e evangélicos:

Ao se refletir sobre os evangélicos no Brasil, tem-se o desafio etimológico de se entender a polissemia de um conceito, que pode esconder a multiplicidade de experiências e possíveis divergências teológicas existente dentro protestantismo. A própria palavra protestantismo em si, já é carregada de heterogeneidade, ao se pensar no caso brasileiro, que desde a Abertura dos Portos em 1808, já apresentava vertentes do Protestantismo Histórico da Migração – Igrejas Anglicana, Reformada e Luterana -, mas só a partir de 1891, com a primeira Constituição Republicana, teve ares de um Estado laico.

Segundo Martino (2016), religiosidade é um marcador de identidade. Entende-se que o ato de nomear é criar identidade e, por tanto, isso gera uma marca e, também,

fronteiras. Assim, compreende-se que todo discurso carrega a percepção do emissor e, este, é um processo de significação intencional, carregado de interesses, correspondente à uma determinada estratégia de um grupo social: “Religião é um dos grandes marcadores da identidade de indivíduos, grupos e comunidades. Assim como define quem está *dentro* da comunidade, define também quem está *fora*. A pergunta seguinte é “o que fazer com quem está fora”, isto é, com quem não pertence ao grupo religioso” (MARTINO, 2016, p.13).

Dessa forma, a representação é um componente essencial dos discursos de identidade. Por isso, os primeiros protestantes no Brasil se autodenominaram “crentes em nosso Senhor Jesus Cristo” ou simplesmente “crentes”. Segundo Magali do Nascimento Cunha (2007, p.15), “o nome caracterizava o processo de conversão, que era a pregação central da mensagem protestante: passava-se da incredulidade e da desobediência a uma nova vida de crença e obediência”.

O termo “evangélico” ganhou força no Brasil no início do século XX, com a chegada de missionários americanos que se autoidentificavam como *evangelicals*, sendo esta uma forma de firmar oposição aos “costumes mundanos” e à razão humana, que por sua vez deu origem ao movimento das Alianças Evangélicas. Tal movimento foi uma forma de organizar uma frente única, com a união de todos os protestantes, objetivando combater o catolicismo e firmar o avanço do protestantismo a nível mundial. Foi justamente neste contexto que o termo “crente”, que era usado de uma forma pejorativa, foi paulatinamente substituído por “evangélico”, que seria uma diferenciação das igrejas não católicas e uma forma de afirmação de identidade.

É importante, nesse ponto, evocar as reflexões de Stuart Hall (2000) quando o mesmo critica a definição identitária do senso comum. Entendia-se que a partilha de algumas características e a origem comum definiria a identificação, dando base à fidelidade e solidariedade de tal grupo, abrindo espaço para uma visão fechada e naturalista. As reflexões do teórico em questão sobre identidade vão de encontro ao fragmentado cenário protestante da atualidade.

Quando Hall (2000, p.106) cita Freud, a respeito do consumo do Outro, é possível romper com as interpretações do senso comum sobre identidade. Com base na análise das transformações pela qual o protestantismo brasileiro passou, principalmente o neopentecostalismo, corrobora-se que a igreja evangélica conseguiu formatar um modo de comportamento na sociedade brasileira, porém ela também sofreu a influência

das rupturas e transformações ocorridas, sejam elas políticas, sociais, culturais, econômicas, tecnológicas etc.

A história dá subsídios para compreender as atitudes humanas dentro de um contexto específico. Seguindo tal pensamento, Paula Sibilia (2008), compreende ser impossível pensar o indivíduo fora de um processo histórico. A partir disso compreende-se que a igreja evangélica e seus líderes souberam se apropriar das tecnologias comunicacionais para ocuparem determinados espaços de sociabilidade, principalmente o ciberespaço, revelando uma igreja que não se limitaria mais à quatro paredes. Se no início a presença de evangélicos na internet era vista, moralmente falando, pelos próprios, como algo reprovável, hoje o que se vê é, praticamente, uma obsessão por um maior número de seguidores nas redes sociais, sendo quase impossível pensar em igrejas que não tenham perfis em redes sociais.

Evangélicos na política:

Nos últimos anos, percebeu-se um engajamento maior dos evangélicos na política. Dessa forma, compreende-se que assuntos que antes estavam restritos aos templos e à esfera da fé privada, foram se mostrando cada vez mais nas pautas públicas. Segundo Martino (2016, p.14), “questões como Estado laico, o ensino religioso nas escolas, o respeito à diferença de crenças e outras temáticas passaram a frequentar a mídia e cotidiano”.

Ricardo Mariano (2014) compreende que os debates para a Constituição de 1988 obrigaram os evangélicos a romperem com o isolacionismo religioso que servia de base identitária para igreja em tempos passados. E foi dentro dessa efervescência política pós-Ditadura, que as pautas das minorias sociais passaram a ser uma ameaça à moral cristã defendida pelos evangélicos. Foi assim, nesse contexto sociopolítico, que a igreja evangélica adotou para si a missão da defesa da família, dos bons costumes e principalmente da fé.

Cunha (2019) chama a atenção para o fato do fim da Ditadura Militar e, conseqüentemente, a legalização dos partidos comunistas em 1985, ressuscitarem o antigo perigo comunista de uma possível perseguição religiosa. Segundo Cunha (2019, p.37), a única forma de colocar um freio nas pautas da esquerda que iam de encontro às

propostas feministas, homossexuais etc., era demarcando o território político no Congresso, com a eleição de parlamentares evangélicos.

Até os primeiros anos da segunda metade do século XX, era difícil ver políticos afirmando uma identidade evangélica para si. Hoje, existe não apenas um discurso político dentro das igrejas, mas um projeto para o país, onde é possível ver pastores, através de suas postagens nas redes sociais se empenhando ao máximo em influenciar seu rebanho para a eleição de bancadas evangélicas, a fim de defender e estabelecer os interesses da igreja dentro do Estado, mesmo ele sendo laico.

O grande objetivo da igreja evangélica atual é transformar a sociedade através de sua visão de mundo pautada na religião, sendo a vida pós-morte uma continuidade de um processo de redenção iniciado aqui. E, dentro desse projeto político de redenção da nação através do Evangelho, as mídias sociais têm um papel predominante, no que tange à expansão de uma visão de mundo evangélica.

Os líderes evangélicos souberam aproveitar ao máximo esse período da expansão e consolidação dos meios de comunicação, principalmente a internet. Os meios de comunicação nunca foram rejeitados por essas lideranças e, em alguns casos, estar presente em meios de comunicação, como a televisão, viraria uma meta a ser alcançada. O proselitismo e o ideal conversionista muito forte em alguns grupos do século passado, mudaria apenas o meio. Se no passado o evangelismo era pautado predominantemente na distribuição de folhetos nas ruas, na atualidade, essa prática foi sendo ressignificada através da mídia audiovisual.

Martino (2016, p.32) vai pontuar que cada igreja, dentro de seus objetivos e tradições, vai usar um tipo de linguagem: “A religião não se desliga do contexto na qual está, e o desafio enfrentado por muitas denominações religiosas é manter o *conteúdo* de sua mensagem adaptando a *forma* conforme as expectativas da comunidade [...]”.

Entende-se que o processo de midiaticização da religião pela qual a igreja evangélica vem passando, potencializou a adesão de novos fiéis e o alcance de novos espaços sociais, culturais e políticos.

Se em tempos passados, o processo de secularização implicou no triunfo da razão sobre a religião, a partir das reflexões de Pierre Sanchis (2008) sobre tal conceito, compreende-se mais o sentido de transformação do que, propriamente dito, o de eliminação: “[...] a secularização significaria o recuo e o definhamento até ao extremo

do fenômeno religioso enquanto tal: o fim da religião. Para outra significaria o deslocamento e a transformação da religião [...]” (SANCHIS, 2008, p.68).

Nesse ponto de transformação, vê-se que um dos maiores desafios da igreja evangélica na atualidade é se atualizar sem perder a essência de sua pregação. E esse é um ponto problemático que vem causando tensão entre o clero evangélico. A questão recorrente entre as lideranças é a seguinte: “até que ponto a igreja deve se parecer com o mundo?”. E quando se fala em mundo, abre-se um leque para uma somatória de práticas, conceitos morais, posicionamentos, visões de mundo, que se abarcam nesse conceito.

Ao refletir sobre o termo “mundo”, entende-se a identificação com tudo aquilo que está fora da interpretação cristã de uma vida íntegra e reta. Assim, o mundo seria o próprio ambiente de oposição à Cristo e à igreja, esta última, sendo a representação dos seguidores de Jesus aqui na Terra.

Se de alguma forma há verdades nas palavras de Bauman (2001), quanto à liquefação que a pós modernidade trouxe à alguns sólidos, pode-se também perceber um paradoxo nessa conclusão, ao se pensar nas atuais experiências religiosas protestantes.

O sociólogo iniciou sua análise levantando as principais características físicas dos líquidos em comparação com os sólidos e entende que alguns pontos-chaves desta liquidez pode se relacionar com os seres humanos nesta era pós-moderna. Paulatinamente, a desintegração destes paradigmas tradicionais foram se tornando mais visíveis diante das novas tecnologias e visões de mundo. Por isso, o autor pensou em “derretimento dos sólidos”, ou seja, o enfraquecimento das estruturas tradicionais diante de uma nova ordem. Vale lembrar que Bauman não defendeu a aniquilação total destes sólidos tradicionais, mas pensou na constante desconstrução e reconstrução de novos sólidos.

Percebe-se que da mesma forma que há a desconstrução dos sólidos, no que tange às práticas religiosas evangélicas nas redes sociais, também existe, nas palavras de Pierre Sanchis (2008), um reencantamento do mundo, no envolvimento evangélico com o espectro político, não mais tendo a postura isolacionista do passado – refletida na fala “crente não se mete em política” -, mas uma atuação constante como forma de cumprir um projeto político.

Lendo as reflexões de Hall (2000) sobre a fragmentação das identidades, é possível dialogar com a proposta de Sanchis (2008), quando o mesmo pensa na

transformação da religião. Hall corrobora, que a identidade que se inscreve na pós modernidade, não é estável, nem contínua e, muito menos, imutável. Pelo contrário, elas estão submetidas à um constante processo de transformação.

O discurso populista bolsonarista frente aos evangélicos:

Desde a campanha bolsonarista para a presidência de 2018, o versículo bíblico do Evangelho de João 08:32, “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, muito citado por evangélicos, foi amplamente proferido por Bolsonaro, quase sendo um mantra. Depois de eleito, o versículo ganhava ainda mais força, principalmente nos momentos onde suas palavras eram colocadas em xeque frente às acusações de corrupção ou interferência na Polícia Federal. Como típico líder populista, o presidente chama pra si a responsabilidade e a capacidade de ser o identificador da verdade.

Para se compreender a relação entre carisma e religiosidade nas práticas políticas de um presidente que se julga abertamente cristão e que tem grande parte da sua rede de apoio entre os evangélicos, é necessário compreender primeiramente que língua esse eleitorado fala e que sentidos o bolsonarismo buscou acionar. Nessa construção de representação, a apropriação de palavras carregadas de sentidos no meio dos evangélicos, fez toda a diferença.

O ponto chave na performance populista de Bolsonaro frente aos evangélicos, está presente no seu slogan de campanha: “Brasil acima de todos. Deus acima de tudo”. Se realmente existe um projeto de redenção da nação por vias evangélicas, o slogan bolsonarista conseguiu evocar o primeiro dos dez mandamentos bíblicos, tão forte dentro da igreja evangélica: “Não terás outros deuses diante de mim”.

No crescente contexto de crise política onde o slogan é utilizado, ter “Deus” como “garoto propaganda” fazia todo o sentido para os parlamentares da bancada evangélica que se viam acuados moralmente frente ao crescimento de pautas que davam voz às minorias sociais, como mulheres, indígenas, negros e LGBTQIAPN+. Para os setores mais conservadores cristãos, Bolsonaro faria jus ao seu segundo nome, sendo uma espécie de enviado de Deus, um verdadeiro salvador que estabeleceria a ordem, salvando a família tradicional, os costumes cristãos e concedendo liberdade ao cidadão de bem.

Ao se pensar na representação, Goffman (2014) faz uma reflexão sobre a interação dos indivíduos na sociedade. Tomando como base a experiência teatral, o teórico desenvolve sua teoria partindo do princípio de que os indivíduos representam papéis e personagens ao longo da sua vida e nas mais diversas situações do cotidiano. Os papéis sociais que cada indivíduo desempenha estariam diretamente ligados à maneira como a pessoa se enxerga e busca construir e manter a sua imagem perante a sociedade na qual ela está inserida.

Um dos pilares da doutrina evangélica se constrói justamente sobre o conceito de verdade, que para o protestantismo não está vinculada ao relativismo, mas à própria pessoa de Jesus Cristo: “Respondeu Jesus: Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim” (BÍBLIA, JOÃO, 14:6). Nessa passagem, Jesus se coloca como o detentor da verdade, como a única via de se chegar à Deus. No mesmo livro bíblico, Jesus dialoga com judeus sobre a ideia de liberdade. Embora o discurso de Jesus deixasse transparecer o sentido de uma liberdade no plano espiritual, aqueles judeus entendiam uma liberdade a nível político.

Quando Bolsonaro faz o uso de palavras como messias e verdade, isso tem o poder de acionar sentidos dentro do meio evangélico, principalmente entre os pastores. Ao usar massivamente o nome “Messias” no discurso político, Bolsonaro consegue evocar e se apropriar da imagem de Jesus como o grande libertador do seu povo.

Ao massificar o conceito verdade, a partir do versículo de João 8:32, tem-se o poder de unicidade ao conceito de messias, uma vez que Jesus ao dialogar com os judeus, que viviam sob o domínio do Império Romano, se apresenta como a única via de libertação e de acesso à Deus.

Os judeus viam o Império Romano como a representação da imoralidade e opressão. O reino ao qual Jesus se referia, seria o oposto disso. Quando o bolsonarismo se apropria deste episódio bíblico, de cara, já existe uma polarização, que ganha cor dentro da igreja evangélica. De um lado, a esquerda – chamada pelo senso comum de forma homogeneizadora de comunistas - representando a imoralidade e a opressão do Brasil, e, de outro, o messias, que representa a verdade e que tem o poder de purificar o país do PT. Fica muito clara a ideia maniqueísta de “nós”, representando a pureza, o bem e a justiça, e “eles”, identificados no PT, nos partidos de esquerda, na corrupção e na imoralidade.

Para lançar luz sobre a construção discursiva, Michel Foucault (2014) corrobora que, através do discurso são exercidas as funções de poder e de controle sobre determinados grupos, em determinados períodos históricos. Dentro desta perspectiva, afirma o filósofo, o discurso em si é a explicitação do mundo no qual o próprio sujeito está inserido, ou seja, “[...] nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (FOUCAULT, 2014, p.46).

Uma vez que discursar está diretamente ligado ao poder, compreende-se que ele busca um significado e tem um objetivo, o que nas palavras de Foucault (2014), seria o desejo manifestado ou ocultado. Mais do que isso, o discurso é o próprio objeto de desejo, porque através dele são revelados os ideais de uma luta ou aquilo que se busca apoderar. Entende-se que os limites aplicados ao discurso se ligam ao desejo e ao poder. Segundo Foucault (2014, p.10) “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Quem tem a posse do discurso, tem a partir da linguagem o poder de seduzir, dominar e produzir sentidos.

No processo de construção da verdade, é preciso entender que o discurso não é neutro. Existe uma intencionalidade ao emití-lo. Compreende-se que todo discurso carrega a percepção do emissor e este é um processo de significação intencional, carregado de interesses, correspondente à uma determinada estratégia de um grupo social. Segundo Roger Chartier (1988) não existe neutralidade no texto, uma vez que, ao se olhar uma realidade, usa-se categorias que já apontam para alguma coisa, ou seja, “produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 1988, p.17).

Nesse ponto existe uma potência reprodutora, ao se pensar como os sujeitos se reproduzem na hora da linguagem, pois entende-se que o discurso não é apenas o que se diz, mas como o interlocutor está interagindo. Assim os conceitos e assimilações de “messias/salvador” e “verdade/Jesus” podem explicar a força do “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos” entre os evangélicos no pleito de 2022. Para Albernaz (2019, p.140), Bolsonaro “utilizou-se de pautas dos costumes, discurso contra a corrupção, utilização de símbolos nacionais como a bandeira e referências religiosas como a Bíblia e o cristianismo para conquistar seus eleitores”.

Cas Mudde (2004) se propõe a refletir sobre o tênue conceito de populismo, não se prendendo simplesmente ao fator corrupção dos ideais democráticos e à liderança carismática.

Carregando e simplificando o conceito, têm-se ligado ao populismo um discurso altamente emocional. Em outra definição, o alvo de tal discurso, tem como base a busca de um suporte, ao se propor agradar rapidamente o eleitorado. Segundo o teórico, é necessário se pensar na existência de dois grupos homogêneos e antagônicos dentro da sociedade: a elite corrupta e o povo puro. Dessa forma, a moralidade se torna uma característica forte que corrobora o maniqueísmo no discurso populista, ou seja, a ideia de um “nós” contra “eles”.

Pensando na falta de refinamento cita em relação ao conceito de populismo, compreende-se ser necessário o rebaixamento do debate para o alcance da massa, que de forma deturpada, compreende democracia apenas como a vontade da maioria. Democracia é gerenciamento de conflitos, e uma vez isso não é compreendido de forma clara, corre-se o risco do fortalecimento de uma ditadura da maioria, abrindo espaço para o protagonismo de líderes carismáticos.

No discurso populista a ideia de povo se relaciona com o conceito de coração. Por sua vez, o conceito de coração se assemelha ao de comunidades imaginadas. Benedict Anderson (2008) buscou analisar o nacionalismo a partir deste conceito, onde os indivíduos teriam papel ativo. Anderson apresenta uma visão antropológica de como uma comunidade se vê e se imagina, e como alguns adventos fizeram com que pessoas se vissem como uma comunidade, sendo esta uma relação de alteridade. Apesar das pessoas serem diferentes, com cadeias produtivas diferentes, elas conseguiriam se enxergar parte de uma comunidade.

É importante elucidar o caráter reformador e não revolucionário do populismo ao se pensar no sentimento antipartidário, pois ele se apresenta como uma nova possibilidade. Assim, o líder populista toma para si a responsabilidade de falar em nome do oprimido, conscientizando de sua opressão, porém sem mudar o modo de vida.

Dessa forma, ao se pensar na reatividade, o coração populista precisa ser ativado por circunstâncias especiais a partir um líder populista atraente, que vai atuar em cima do ressentimento político e de situações que podem desafiar à maneira de viver da “maioria democrática”.

A sentinela moral:

O líder populista geralmente tem em sua rede de apoio político a sua sentinela moral, uma espécie de “cão de guarda” que vai acionar o coração do povo populista, sempre que “eles” colocarem em risco a hegemonia do “nós”.

Sendo um dos apoiadores bolsonaristas de maior expressividade no meio evangélico, Silas Malafaia é a típica sentinela moral, conhecido por suas fortes críticas aos Movimentos LGBTQIAPN+ e Feminista, além de reverberar o discurso da existência de uma imprensa corrupta que age a serviço da esquerda.

A seguir, foram selecionadas 7 postagens do Instagram do pastor Silas Malafaia que o identifica como guardião dos bons costumes do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro:

1. “Bolsonaro, Forças Armadas e a prova que não houve corrupção”

A postagem feita por Malafaia é clássica num governo populista. Mais forte do que afirmar que não há corrupção no governo de Bolsonaro, é afirmar ter provas para sustentar tal idoneidade. Percebe-se, portanto, neste ponto as ideias de Albernaz (2019) sobre o líder populista se mostrar como um *outsider*. Em todo tempo Bolsonaro se coloca como a “nova política”, como o novo, que se coloca a enfrentar a “velha política”.

2. “Bolsonaro e as urnas. Forças Armadas já!”

A postagem reverbera a desconfiança que o presidente levantou em torno da segurança das urnas eletrônicas, Malafaia faz coro à falta de provas de Bolsonaro quanto a seguridade do processo eleitoral brasileiro, reforçando os achismos veiculados por líderes populistas.

3. “Os crimes da Globo e da CPI da safadeza”

Aqui mais uma vez o líder populista levanta acusações sem provas e se coloca como o único capaz de identificar a verdade frente à uma mídia corrupta e mentirosa.

4. “Boulos e a esquerda querem se aproximar de nós. Piada!”

A ideia de um “nós” contra “eles” percebida em Mudde (2004), se revela nesta postagem. O bolsonarismo representado nas palavras de Malafaia deixa bem claro o antagonismo e maniqueísmo próprios do populismo.

5. “ATENÇÃO POVO CRISTÃO! Ciro Gomes não vai nos enganar!”

Dois conceitos trabalhados ao longo deste artigo aparecem nesta postagem. O primeiro é o de povo, que segundo Mudde (2004) se relaciona com o coração nacionalista, a nível de uma comunidade imaginada, como pensa Anderson (2008). Além de sentinela moral do bolsonarismo, Malafaia se coloca como um ator social que tem o poder de acionar o coração populista da rede de apoio evangélica de Bolsonaro.

A segunda parte da postagem fala do perigo de engano que Ciro Gomes representa aos cristãos e, implicitamente, joga com a ideia de verdade muito forte entre o segmento protestante.

6. “Com a palavra a imprensa, PT, PSOL, PDT, PSB, Rede, PCdoB, PSDB e CPI do Covid”

Essa postagem remonta um slogan que se fez muito presente na campanha presidencial de 2018: “Meu partido é o Brasil”. As palavras de Malafaia, só reforçam a relação direta de um ex-presidente com o seu eleitorado. A cada semana, Bolsonaro surgia em sua live expondo à sua base de apoio os mais variados temas, desde eficácia de vacinas, questões morais e religiosas, e, o sempre recorrente, perigo comunista.

7. “EVANGÉLICOS CONTRA BOLSONARO? O jogo sujo do jornal O Globo.”

A heterogeneidade do grupo evangélico se percebe na postagem de Malafaia questionando a existência de evangélicos que sejam contra Bolsonaro. Aqueles que se declaram evangélicos ao se oporem à política do presidente são visto pelos apoiadores como falsos cristãos.

No discurso bolsonarista de Malafaia, não há espaço para divergência quanto ao apoio evangélico ao ex presidente. Por fim, a imprensa é atacada, mais propriamente dito, o Jornal Globo, sendo responsabilizado por enganar os evangélicos quanto ao presidente, que para muitos, é um enviado de Deus.

Considerações finais:

Concluiu-se ao término desta pesquisa as características do populismo no discurso de Bolsonaro frente à sua rede de apoio entre a igreja evangélica.

Palavras como “verdade”, “família”, “Deus” e “bem” são fortes no bolsonarismo, como forma de gerar o clima necessário para o fortalecimento da imagem do líder carismático que tem o poder de acionar o coração populista.

Na breve análise feita nas postagens do pastor Silas Malafaia no Instagram, percebeu-se o este como o agente moralizador da rede de apoio evangélica. Malafaia se configura como aquele que faz o barulho necessário para movimentar as pautas presidenciais. Com assuntos que versam sobre “ideologia de gênero”, “defesa da família tradicional”, “escola sem partido” e “ideologias de esquerda”, Malafaia com sucesso consegue movimentar a maioria democrática, a gente de bem, em torno do líder carismático que em todo tempo de se coloca como messias e identificador da verdade.

Bibliografia:

- ALBERNAZ, V. Análises das características do discurso populista de Jair Bolsonaro nas eleições brasileiras de 2018. **Revista Portuguesa de Ciência Política**, n. 12, p. 131-146, 2019.
- ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. 2ª ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CHARTIER, R. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difusão Editora, 1988.
- CUNHA, M. do N. **A explosão gospel: um olhar das ciências humanas sobre o cenário evangélico no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad e Instituto Mysterium, 2007.
- CUNHA, M. do N. **Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital**. 1 ed. Curitiba: Editora Appris, 2019.
- FERREIRA, D. H. da M.; REZENDE, R. Perspectivas do populismo: algumas facetas de um conceito polissêmico. **Dossiê Temático Sociologia Política e Regimes Políticos**. Netsal/IESP/UERJ, p. 17-27, 2019.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 20. Ed – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- HALL, S. "Quem precisa da identidade?" In: SILVA, T. T. da (Org.). **Identidade e Diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- MARTINO, L. M. S. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2016.
- MUDDE, C. **The populist zeitgeist**. Government and opposition, p. 541-. 2004.
- SANCHIS, P. Desencanto e formas contemporâneas do religioso. **Cienciassociales y religión/Ciências sociais e religião**, v. 3, n. 3, p. 27-43, 2001.
- SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.